

DISSEMINARTE: UMA BANCA DE ARTE EM PRAÇAS E FEIRAS DE SANTA MARIA DA VITÓRIA E SÃO FÉLIX DO CORIBE

DISSEMINARTE: UN PUESTO DE ARTE EN PLAZAS Y FERIAS DE SANTA MARIA DA VITÓRIA Y SÃO FÉLIX DO CORIBE

Dielly Silva Alves¹ - UFOB

Violeta Pavão² - UFOB

Resumo

O presente artigo apresenta e analisa a execução do projeto de extensão universitária *Disseminarte*, realizado em 2022, nas cidades de Santa Maria da Vitória e São Félix do Coribe/BA. Para isso, investiga o possível potencial artístico-pedagógico que a intervenção de uma banca de arte em feiras e praças e as relações interpessoais estabelecidas em tais espaços podem gerar. O texto conta, principalmente, com as referências do Grupo GIA, a partir de MUNHOZ (2004) e dos Domingos de Criação, idealizados por Frederico de Moraes em GOGAN (2017). A pesquisa aponta para o espaço público enquanto ferramenta de subversão dos modos de se aprender e refletir sobre arte e a necessidade de fortalecimento da relação entre a comunidade acadêmica e local.

Palavras-chave: cidade educadora. artes visuais. disseminarte. extensão universitária

Resumen

Este artículo presenta y analiza la ejecución del proyecto de extensión universitaria *Disseminarte*, realizado en 2022, en las ciudades de Santa Maria da Vitória y São Félix do Coribe/BA. Para eso, se investiga el posible potencial artístico-pedagógico que pueden generar la intervención de un puesto de arte en ferias y plazas y las relaciones interpersonales que se establecen en dichos espacios. El texto se apoya principalmente en las referencias del Grupo GIA, de MUNHOZ (2004) y de los Domingos de la Creación, idealizados por Frederico de Moraes en GOGAN (2017). La investigación apunta al espacio público como una herramienta para subvertir las formas de aprender y reflexionar sobre el arte y la necesidad de fortalecer la relación entre la comunidad académica y la local.

Palavras-Clave: ciudad educadora. artes visuales. disseminarte. extensión universitaria

¹ Estudante de Artes Visuais (Licenciatura) pela Universidade Federal do Oeste da Bahia, possui pesquisa nas áreas de arte e educação, mediação cultural, comunidade e cidade. Foi contemplada como bolsista no Programa de Apoio à Extensão Universitária - Estudante Protagonista com os projetos *Disseminarte* (2022) e *Disseminarte-educa* (2023). Email: diellyarteeducadora@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2921403142423887>.

² Professore-artista-pesquisadore, mestre em Arte e Cultura Contemporânea (UERJ) e está professore no curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Pesquisa as relações entre arte, cidade, corpo e educação em diversas linguagens. Email: violetapavao@ufob.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5132-9856> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9062689067165063>.

Introdução

Disseminarte é um projeto de Extensão Universitária, contemplado com bolsa pelo programa Estudante Protagonista, edital nº02/2022 da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). O projeto aconteceu durante seis meses no ano de 2022 e foi desenvolvido nos pontos de maior fluxo de pessoas, os espaços das Feiras da Agricultura Familiar do município São Félix do Coribe e a Feira da Agricultura Familiar e Praça do Jacaré em Santa Maria da Vitória, ambos no oeste baiano. Tais espaços públicos foram escolhidos para a realização de experiências artísticas entre estudantes universitários dos cursos de Artes Visuais e Publicidade e Propaganda do Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória (CMSMV) e a comunidade local.

A partir de provocações artísticas, a proposta deste trabalho consiste em refletir sobre os espaços públicos urbanos enquanto espaços pedagógicos. As cidades onde as práticas foram realizadas são vizinhas e banhadas pelo Rio Corrente, e conforme aponta Brandão (2010), o rio tem sido um importante canal de deslocamentos de mercadorias, pessoas, histórias e arte desde antes da expansão agrícola e pavimentação rodoviária na região. O cruzamento do rio faz parte do trânsito de muitos moradores cotidianamente, como é o caso da proponente do projeto em questão, que agora pensa este trajeto a partir das trocas de produções artísticas de estudantes universitários, artistas locais e o público espontâneo das feiras e praças.

O presente artigo visa discutir sobre a práxis a partir da ação artística não convencional, em uma cidade do interior, na qual seja possível abordar como a subversão de espaços geralmente utilizados para fins comerciais e lazer em um ambiente de troca de saberes. A partir de reflexões existentes nos eixos arte, educação, cidade, comunidade, nos debruçamos na tentativa de responder ou criar novas perguntas a partir das seguintes: Como os espaços públicos podem contribuir para a realização de experiências artísticas entre comunidade acadêmica e local? Como reduzir o abismo entre a arte acadêmica e a sociedade?

Para estes mergulhos artístico-pedagógicos, torna-se importante a abordagem das referências que influenciaram, desde o princípio, a criação do projeto *Disseminarte*, que surgiu a partir de reflexões enquanto a proponente cursava o componente curricular Arte e Cidade e se estendeu como uma proposta de atividade prática para o componente curricular Mediação Cultural durante os anos de 2020 e 2021. A escrita do mesmo foi idealizada em tais momentos, e o desejo de realizá-lo seguiu latente nos pensamentos da proponente, mas sua realização prática foi adiada pelo cenário mundial da pandemia do covid-19 a qual estávamos acometidos nesse período. Assim sendo, grande parte do referencial teórico apresentado a seguir foi acessado a partir dos componentes acima citados, provocando o desejo de pesquisar cada vez mais a relação arte-educação-cidade-comunidade.

Espaço público como espaço pedagógico

Os municípios de realização do projeto carecem de instituições, investimento e planos de cultura, como museus e galerias, fomento ao efetivo funcionamento dos centros culturais e associações já existentes, para que exista uma democratização do acesso a vivências artísticas. Deste modo, o *Disseminarte*, ao inserir as bancas de arte nas cidades, instaura um espaço efêmero de fruição e discussão de arte com a comunidade.

A escolha da aplicação do projeto de extensão no formato de improvisação, tendo a “precariedade” como característica identitária, se justifica a partir da referência de arte pública urbana contemporânea do grupo GIA (Grupo de Interferência Ambiental)³ que, assim como o presente projeto, visa a produção e recuperação de memórias espaciais. O grupo interfere na realidade das comunidades ao instalar uma lona amarela que denominam como “caramujo”, pois segundo eles, a semelhança com o molusco tem como objetivo a ideia de transportar a casa por toda parte.

Tendo essa “improvisação” pensada, o projeto se desenvolve a partir da demanda percebida na comunidade e as propostas dos artistas proponentes e

³ <https://giabahia.blogspot.com/>

colaboradores da comunidade acadêmica enquanto mediadores, a partir de trocas sobre linguagens artísticas diversas, na perspectiva da produção e conhecimento dialogado entre a produção artística feita por estudantes acadêmicos e pela comunidade local, agregando saberes mutuamente ao reconhecer as práticas artísticas presentes nas práticas cotidianas a fim de intervir mediando essa práxis.

Convidamos a essa reflexão teórica os estudos sobre os Domingos de Criação no MAM em 1971, tendo enquanto idealizador Frederico de Moraes e ao desempenhar a função de curador independente, dentre as muitas exercidas ao longo da sua carreira, nas escritas de Gogan (2017). Moraes nos propõe considerar o ambiente do parque do MAM como espaço cultural, o que traz ao *Disseminarte* o desejo pelas trocas de referências e a produção de arte em meio à comunidade.

Diferentemente dos Domingos de Criação, cuja proposta se baseava em domingos com materialidades temáticas “isoladas”, o presente projeto se abre para diversas possibilidades: em alguns momentos a banca era composta com uma quantidade exagerada de materialidades que dialogavam ou não entre si, a fim de convocar a curiosidade dos participantes para diálogos diversos relacionados à arte; e em outros, foram escolhidos temas específicos para as trocas e oficinas. Dentre o acervo levado para se discutir desenho, por exemplo, vinham peças de cerâmica, gravuras e matrizes, para que, a partir da curiosidade do espectador, o diálogo sobre as produções artísticas, materialidades, ferramentas, processos pudessem transcender os limites estabelecidos de um tema específico definido. Por outro lado, também foi possível observar que um tema específico pode proporcionar um aprofundamento de técnicas e processos criativos.

Quanto à escolha dos espaços - praças e feiras - esta se deu no intuito de desmistificar tanto o fazer artístico quanto às práticas educativas como propriedade do ambiente museológico, escolar ou acadêmico. Para o Grupo GIA:

O GIA costuma eleger diferentes espaços da cidade – sejam eles públicos ou privados – para atuar, gerando questionamentos acerca da problemática que permeia esses espaços e a cidade como um todo. É no cerne da simbiose entre *espaço público urbano e político* que opera o GIA: buscando, através das suas ações/intervenções, fazer os cidadãos interagirem com seu entorno e refletirem sobre as questões que o permeiam, utilizando como dispositivo a arte e suas linguagens contemporâneas hibridizadas. (Munhoz, 2004)

Além de todos os objetivos acima mencionados, a experiência de intervenção espacial teve importante contribuição na relação entre os estudantes dos cursos do CMSMV e suas produções, já que ultrapassou a apresentação do trabalho ao final do componente curricular que deu origem a ele, gerando uma ambiente de troca. Deste modo, notamos a importância da interação entre os acadêmicos para uma ampla compreensão do que vem sendo produzido no centro. A UFOB não possui uma galeria expositiva ou museu e tampouco um acervo de produções, portanto, os processos costumam ser realizados, apresentados, levados para casa, doados ou esquecidos.

Encontros do Disseminarte

Muitas vezes as produções artísticas ficam presas nos muros da universidade, nos quartos dos estudantes, na imaginação e nos ateliês dos artistas locais, o que leva a comunidade a considerar a arte uma realidade muito distante da vida cotidiana. Sobre o nosso papel social enquanto arte-educadores em formação Forquin (1993, p.168) defende que “educar, ensinar, é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que ele se nutra, que ele os incorpore à sua substância, que ele construa sua identidade intelectual e pessoal em função deles”. Através desta compreensão, torna-se indispensável reconhecermos na sociedade a predisposição ao desenvolvimento de práticas artísticas que podem aproximá-la das práticas desenvolvidas no ambiente acadêmico.

Acerca da academização da arte, Tadeu Chiarelli (2002) nos provoca à reflexão sobre a formação identitária da arte brasileira, passeando na história majoritariamente constituída pelas práticas artísticas artesanais e populares,

questionando a segregação entre arte erudita e arte popular, que perdura até a atualidade. Tais pontos de observação colocam em cheque a estruturação da arte enquanto sistema acadêmico e questionam a validade deste sistema que desprezou a importância de nossas origens para a formação da arte brasileira, afro-brasileira e indígena. Esta discussão alimenta o projeto em questão, uma vez que ele pressupõe uma abertura de fluxo de conhecimento entre academia - comunidade.

Considerando que todos somos seres dotados de saberes, práticas artísticas e realidades diversas, em um texto que trata da arte-educação na contemporaneidade, ressaltando a importância da formação cultural do sujeito, Fusari e Ferraz nos despertam para a relação “homem-mundo” (embora o termo, que diante no cenário atual esteja um tanto quanto desatualizado, pois reduz a humanidade ao termo “homem”). O trecho nos propõe questionar sobre o que é arte e o que estamos fazendo para que a arte cumpra o seu papel formador e alcance os mais diversos públicos.

A arte é representação do mundo cultural com significado, imaginação; é interpretação, é conhecimento do mundo; é, também, expressão dos sentimentos, da energia interna, da efusão que se expressa, que se manifesta, que simboliza. A arte é movimento na dialética da relação homem-mundo. (Fusari, FerraZ, 1993, p. 19).

Logo, compreende-se que a mudança começa a partir de pequenas ações, ou seja, o desenvolvimento da relação sociedade-mundo pode ser gerado, na contemporaneidade, segundo Rejane Coutinho, a partir do potencial presente no ato de mediar, transplantando da instituição para o mundo o “arte/educador como mediador para além do ensino formal, como um espaço de enfrentamento das concepções de arte, cultura e educação que permeiam o campo de ação.” Coutinho (2013, p.50). No caso do *Disseminarte* buscar mediar o conhecimento nos espaços públicos, através do entusiasmo dos passantes, algo que se deu, principalmente, através da provocação visual do ruído causado pela barraca de arte não comercial em locais de intenso comércio como as praças e feiras.

Então, durante os encontros surgiram outras pautas de diálogos a partir dos temas que foram marcantes por serem levantadas pelo público e conduzirem as falas seguintes entre público e mediadores de maneira sutil, livre de todo o peso presente em uma aula institucionalizada, onde muitas vezes essa comunidade não se encontra em um momento de “aprendizagem entusiasmada”, conforme o nos apresenta as teorias propostas por bell hooks (2017).

Esse entusiasmo acima descrito, pôde ser identificado no momento em que um grupo de senhoras parou próximo à banca e, ao identificarem nas peças expostas alguns objetos cerâmicos, uma delas falou sobre instrumentos utilizados por ela para a fabricação e a queima de peças cerâmicas na região em meados da década de 1970, e a partir de questionamentos sobre o processo de produção na universidade, a proponente pôde introduzir alguns termos e ferramentas utilizadas na atualidade, conhecidas como estecas e bem como as ferramentas básicas para a produção da xilogravura, denominadas de goivas e a diferença entre as materialidades de cada linguagem visual, bem como, o uso de suportes alternativos como no caso da isogravura.

Um exemplo das trocas estabelecidas foi quando um vendedor ambulante (Fig.1) se aproximou, curioso, sobre o que estávamos oferecendo ali, e o convidamos para fazer um desenho, então ele perguntou “é de graça?” Ao respondermos que sim, e que era uma ação da universidade, ele se juntou ao nosso grupo e começou a falar sobre sua infância, que precisou largar a escola para trabalhar, e que desde então não havia mais feito o que tanto gostava, que era desenhar. Ele relatou que conseguiu voltar no tempo naquele momento, nos presenteando com além do desenho feito por ele, um pouco da sua história.

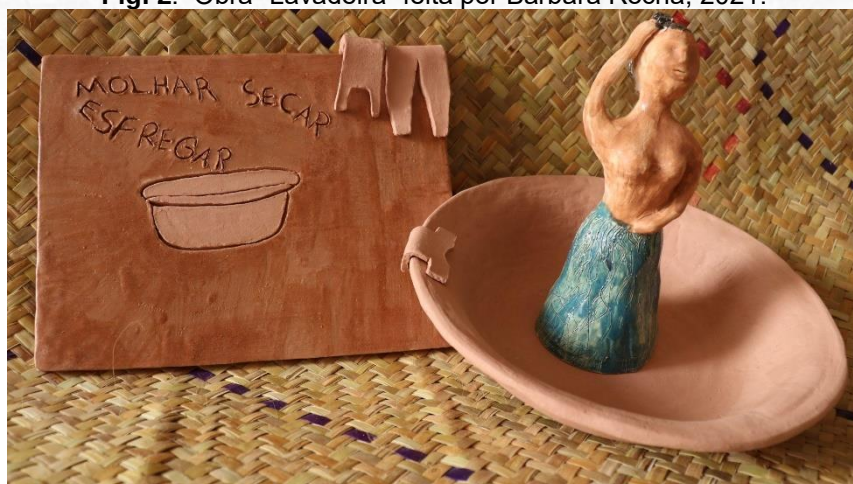
Fig. 1: Desenhador de histórias, São Félix do Coribe, 2023.



Fonte: acervo do projeto Disseminarte.

Duas professoras da zona rural do município de São Félix do Coribe, apareceram com alguns dos seus estudantes que visitavam a feira naquele momento e começaram a perguntar sobre os trabalhos que estavam ali para compreender os processos criativos. Conversamos sobre cadernos de desenho, como era essa relação do desenhar na universidade e a rotina com o caderno para o desenvolvimento do traço; dialogamos sobre cerâmica ao trazer o processo da colega Bárbara Rocha que trata das lavadeiras do Rio Corrente (Fig. 2) em suas peças e a importância dessa memória de infância da artista para o desenvolvimento dessa pesquisa visual. Este momento contribuiu para que compreendêssemos, enquanto futuros professores, a importância de ter o material físico e a experiência prática, para além dos livros sempre à mão em nossas aulas, pois por vezes uma das professoras dizia “olha aquela peça, era daquilo que eu estava falando para vocês naquele dia” apontando para uma matriz de gravura.

Fig. 2: Obra “Lavadeira” feita por Bárbara Rocha, 2021.



Fonte: acervo do projeto Disseminarte.

Seguimos nesse episódio para o momento em que uma das alunas compartilhou conosco que desenvolvia aquela técnica de tapeçaria de uma das peças que foram apresentadas, disse que ela já chegou a vender alguns tapetes e nos questionou sobre o trabalho dela ser ou não ser arte. Surgiu um diálogo sobre a relação entre arte e artesanato e a intenção relacionada às duas maneiras de produzir, que no caso da arte está mais ligada com uma pesquisa de símbolos e significados. Como exemplo, a proponente citou a carranca da praça a qual estávamos próximos e todas as epistemologias por trás dessa figura *zooantropomorfa*⁴, os elementos visuais escolhidos para passar a mensagem proposta, e que o trabalho artístico consiste na reflexão sobre alguma questão/situação vivenciada pelo artista que a produz. Ou não.

A produção têxtil no acervo desse encontro foi produzida e disponibilizada pelos colegas e artistas Isaque Xavier, Nara Souza e Bárbara Rocha. Após ser questionada sobre como era desenvolvido o processo de criação dos tapetes, a moça respondeu que a cor era de acordo com a disponibilidade de retalhos no momento e que a preocupação na produção era com o tamanho desse tapete, se era uma passadeira ou um tapete de porta e quanto seria cobrado por aquela peça de acordo com seu tamanho.

⁴ Epistemologias, características e história no “Carrancas do São Francisco” por Paulo Parda (1979).

Fig. 3: Intervenção na feira da agricultura familiar em São Félix do Coribe, 2022.



Fonte: acervo do projeto Disseminarte.

A curiosidade do público acerca das ferramentas e materiais expostos sempre foi o objetivo do projeto, perguntava-mos aos participantes se já conheciam algo sobre aquele processo, se já desenvolvia alguma dessas práticas apresentadas na sua vida cotidiana, e se sim, de que maneira era desenvolvida essa atividade, refletindo juntos sobre as contribuições das nossas práticas universitárias para as práticas cotidianas dos participantes e vice-versa. Sobre essa expectativa de participação do público, bem como o direcionamento das reflexões, Orlandi (2004, p.11), aponta que “nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo. Todas as determinações que definem um espaço, um sujeito, uma vida, cruzam-se no espaço da cidade”.

Após ter sido despertado em alguns dos participantes, o entusiasmo marcou as experiências da edição 2022 do Disseminarte, como por exemplo diálogos abordando: o desenho e o resgate da infância pelo ato de desenhar; a apropriação da Carranca e as lavadeiras como elemento histórico da cultura local; produção artística e artesanal em seus processos de criação e reprodução técnica; a importância da universidade para superar as adversidades do contexto de vulnerabilidade social em que vivemos, levando em conta principalmente o contexto de formação superior dos moradores locais há 30 anos atrás e a necessidade de migração para outros estados.

Logo, as reflexões em grande parte dos diálogos se aproximavam das realidades ali presentes e o processo foi se dando de maneira desprendida do caráter expositivo sacralizado pelo sistema de arte, da análise a distância estabelecida pelas instituições mundo afora, reduzindo a hierarquia das produções da universidade e permitindo em muitas das situações o toque nas superfícies, adentrando os processos de criação e reflexão sobre o maior número possível de obras e linguagens. De maneira mútua, as pessoas participantes podiam “contaminar-se com a arte”, parafraseando Barbosa (2019) por meio dos diálogos e das oficinas realizadas ao longo dos 10 encontros realizados. Foram contempladas linguagens artísticas em suportes alternativos, *assemblage*, artes têxteis, *bullet journal*, cerâmica, desenho, gravura, pintura e jogos teatrais.

Considerações finais

Ainda há muito a ser feito pela arte/educação às margens do Rio Corrente, entretanto, podemos observar que o projeto cumpriu com seu objetivo, levando-nos às pesquisas em arte, processos de criação e de ensino-aprendizagem por meio de metodologias, público e espaços não convencionais.

As ações do Disseminarte nos conduziram à reflexão, enquanto mediadores, estudantes e seres humanos, sobre a importância de nos desprendermos dos discursos hierárquicos institucionalizados, atentando-nos para não acabarmos por anular “qualquer intenção educacional de transformação social” (Coutinho, 2013, p.52) e esse foi um importante exercício de construção da identidade docente dos universitários envolvidos nos processos. Contudo, o deslocamento de estudantes, trabalhos artísticos e processos de criação para os espaços das praças e feiras das cidades, tornou possível a criação de um espaço coletivo de aprendizagem com a comunidade local, no qual as certezas não podiam se impor.

O entusiasmo gravado no tempo pelas palavras dos diálogos provocados pelo projeto e pela marca-desenho-pintura na pele do papel, anunciam as incertezas pedagógicas presentes na troca cotidiana - que não prevê, não

determina, não orienta - que cria possibilidades de percepção/ação no/do mundo.

Acrescentamos a importância da extensão universitária para a consolidação de uma troca de saberes entre a produção acadêmica e a comunidade local, enquanto possibilidade de transformação de ambas as esferas. Além disso, a extensão se apresenta como possibilidade farta de aprendizagem na formação docente, pois gera autonomia para a pessoa discente proponente e amplia os limites da educação formal e informal, inserindo a comunidade acadêmica diretamente nos espaços das cidades, com toda a complexidade que esses espaços possam apresentar. Como desafios, compreendemos que a extensão universitária ainda deva ser valorizada dentro da UFOB e questionamos o pouco suporte a projetos, no que se refere à oferta de materiais e ferramentas de trabalho e à verba para bolsas de monitoria.

Diante do que foi apresentado, podemos afirmar que a banca de arte aberta pelo projeto *Disseminarte* reduz o abismo entre a arte produzida na academia e a sociedade ao instaurar diálogos a partir do entusiasmo do público espontâneo e que feiras, praças e espaços públicos das cidades podem colaborar para a realização de experiências artísticas entre comunidade acadêmica e local e ensinar à universidade que uma das formas de aprender é trocando. Trocando experiências enquanto vemos o rio correr.

Referências:

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **A formação territorial do Oeste Baiano: a constituição do “Além São Francisco” (1827-1985)**. Geotextos, vol. 6, n. 1. 2010.

CHIARELLI, Tadeu. **Arte internacional Brasileira**. 2º ed. São Paulo: Lemos Editorial, 2002.

COUTINHO, Rejane Galvão. **O educador, pesquisador e mediador: questões e vieses**. Pós: Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 46 - 55, maio de 2013.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Ed. Cortez, 1993.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOGAN, Jessica. **Frederico Moraes, os Domingos da Criação e o museu liberdade**. In: GOGAN, Jessica em colaboração com MORAIS, Frederico. Domingos da Criação: Uma coleção poética do experimental em arte: Uma coleção poética do experimental em arte e educação. Rio de Janeiro: Instituto MESA, 2017, p.250- 264

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MUNHOZ, Alejandra Hernández. **O GIA (Grupo de Interferência Ambiental)**. Blog do GIA. Salvador: EBA- UFBA, 16 de abr. 2004. Disponível em: <http://giabahia.blogspot.com/p/blogs-do-gia.html> Acesso em: 20 set. 2023.

ORLANDI, E. P. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004

PARDAL, Paulo. **Carrancas do São Francisco**. Rio de Janeiro: Funarte, 1979

Sesc São Paulo. **Ana Mae Barbosa: Arte não se ensina; contamina-se** | Conexão Sesc. Youtube, 17 de jun. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ROz0EPOdkc>